

Não há longe nem distância: os bibliotecários da saúde no mundo *ehealth*

There is no such place as far away: health librarians in the *ehealth* world

Paula S. SARAIVA. Global Health and Tropical Medicine, Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT), Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa, Portugal.
(paula.saraiva@ihmt.unl.pt)

Resumo

Introdução: A *eHealth* tem vindo a ser uma área prioritária da *World Health Organization* (WHO) desde 2005 pelas potencialidades que evidencia nas suas quatro áreas chave (saúde móvel, telemedicina, sistemas de informação de saúde e *eLearning*), uma vez que promove a equidade e uma maior qualidade de vida das populações mais isoladas e em locais onde as infraestruturas físicas e humanas são escassas, evidenciando-se mais na fase pandémica COVID-19. Nos últimos anos, os profissionais de saúde têm aceiteado o desafio de desenvolverem projetos de saúde aliados às novas tecnologias emergentes para darem resposta à distância, às necessidades de saúde dos seus pacientes e bem-estar das populações, no sentido de melhorar a saúde pública e combater as doenças e as epidemias. O HAITool é disso exemplo e é uma ferramenta *eHealth* concebida no Instituto de Higiene e Medicina Tropical que ajuda na prescrição antibiótica e no combate aos riscos da resistência microbiana. **Objetivo:** É nosso objetivo apresentar algumas oportunidades de intervenção para os bibliotecários da saúde no domínio da *eHealth*, desenvolvimento de competências e participação em equipas multidisciplinares, propondo modelos colaborativos de proximidade com outros bibliotecários e com cidadãos. **Discussão:** Para os bibliotecários da saúde esta é também uma área emergente de atuação onde terão que desenvolver competências para integrarem estas equipas multidisciplinares e também eles darem contributo a vários níveis: i) no apoio à decisão através da recolha de informação e pesquisa de evidência científica que suporte os projetos em curso; ii) em projetos de literacia da saúde quer direcionados para os alunos e médicos, quer direcionados para os pacientes; iii) no apoio às infraestruturas digitais e informáticas de suporte ao projeto; iv) na elaboração de materiais de comunicação para os pacientes e cidadãos (folhetos, blogues, redes sociais); v) na dinamização de eventos em torno dos projetos e contacto com os públicos (competências de literacia e comunicação); vi) na gestão em proximidade das comunidades locais através de interlocutores locais – as bibliotecas escolares ou municipais. Neste último caso propomos um novo domínio de intervenção, a nível da colaboração prestada pelo bibliotecário de saúde, que apoiará na capacitação com ferramentas digitais específicas de saúde o seu congénere local na biblioteca municipal ou escolar, transferindo conhecimentos e competências de literacia em saúde para que este possa intervir junto das populações mais remotas e difíceis de alcançar e de modo a que este possa, assim, interceder localmente e em proximidade junto desses cidadãos, fazendo a ponte com a restante equipa à distância: médicos, bibliotecários de saúde e outros profissionais de saúde do projeto. **Conclusão:** A *eHealth* constitui uma oportunidade de desenvolvimento de competências tecnológicas e de literacia, mas permitirá também ao bibliotecário de saúde participar de um mundo mais global e sustentável através do trabalho de equipa, em colaboração com outros bibliotecários e em maior proximidade com o cidadão, num mundo mais equitativo, inclusivo onde o digital faz sentir cada vez mais que «Não há longe nem distância» quando se consegue chegar às pessoas, onde quer

que estejam e, com eficácia, salvar vidas.

Palavras-chave

Ehealth; Bibliotecários de saúde; Desenvolvimento de competências; Cooperação; Transferência de conhecimento; Apoio à decisão

Abstract

Introduction: eHealth has been a priority area of World Health Organization (WHO) since 2005 by the potential evidence in its four key areas (mobile health, telemedicine, health Information systems and eLearning) as it promotes the equity and a higher quality of life of the most isolated populations and in places where physical and human infrastructure is scarce and becoming more evident in the pandemic phase COVID-19. In recent years, health professionals have accepted the challenge of developing health projects combined with new emerging technologies to respond from distance to the health needs of their patients and population well-being, in order to improve public health and combat diseases and epidemics. HAITool is an example of this and is an eHealth tool designed at the Institute of Hygiene and Tropical Medicine that helps in antibiotic prescription and in combating the risks of microbial resistance. **Objective:** Our objective is to present some intervention opportunities for health librarians in the field of eHealth, skills development and participation in multidisciplinary teams, and to propose collaborative proximity models with other librarians and citizens. **Discussion:** For health librarians this is also an emerging area of activity where they will have to develop skills to integrate these multidisciplinary teams and also contribute at various levels: i) in supporting decision-making through making information collection and scientific evidence research that supports ongoing projects; ii) in health literacy projects aimed for students and physicians or targeted for patients; iii) support in digital and computer infrastructure to support the project; iv) in the preparation of communication materials for patients and citizens (leaflets, blogs, social networks); v) promotion of events around projects and contact with audiences (literacy and communication skills); vi) management in proximity with local communities through local intermediaries - school or municipal libraries. In the latter case, we propose a new domain of intervention, in terms of the collaboration provided by the health librarian, which will support in training with specific digital health tools its local counterpart in the municipal or school library, transferring knowledge and skills of health literacy so that it can intervene with the most remote and difficult populations to achieve and so that it can thus intercede locally and in close proximity to these citizens build a bridge with the remaining distance team: doctors, health librarians and other health professionals of the project. **Conclusion:** eHealth is an opportunity to develop technological and literacy skills but will also allow the health librarian to participate in a more global and sustainable world through teamwork in collaboration with others librarians in proximity to the citizen, in a fair inclusive world where digital makes you feel more and more that "There is no far nor distance" when you can reach people wherever they are and effectively you can save lives.

Introdução

A *eHealth* tem vindo a ser considerada uma área prioritária pela World Health Organization (WHO) desde 2005 em quatro domínios chave de atuação : Saúde móvel (*mHealth*), Telemedicina (*TeleHealth*), Sistemas de Informação em Saúde e *eLearning*, sendo o conceito de *eHealth* definido pela WHO como "the cost-effective and secure use of Information Communication Technologies (ICT) in support of health and health related fields, including

health-care services, health surveillance, health literature, and health education, knowledge and research”¹. Também a Comissão Europeia tem vindo desde 2008 a encorajar o desenvolvimento da telemedicina e a desenvolver diversas iniciativas nacionais e regionais no domínio do *eHealth/mHealth* através de projetos ao abrigo de programas como a Agenda Digital para a Europa ou o Programa Horizonte 2020, evidenciando particularmente os seus benefícios na melhoria da qualidade de vida assistencial dos pacientes que vivem em zonas remotas, facilitando assim o acesso à distância dos especialistas, a otimização dos recursos e aumentando a produtividade das equipas². Em 2018, o documento COM (2018) 233 final da Comissão Europeia dinamiza um plano de ação que identifica três prioridades chave³:

- i) Segurança no acesso e partilha dos dados eletrónicos de saúde (dados médicos e farmacêuticos) por parte dos cidadãos.

Ações: Proposta de serviço digital *eHealth* de serviços transfronteiriços com registos de pacientes interoperáveis em toda a Europa (colaboração transfronteiriça nos cuidados de saúde).
- ii) Agregação de dados de saúde para investigação e medicina personalizada.

Ações: ações-piloto sobre doenças raras, partilha genómica, doenças infecciosas e dados de impacto.
- iii) Ferramentas digitais para capacitação dos cidadãos e para cuidados centrados na pessoa (os cidadãos podem monitorizar a sua saúde, adaptar o seu estilo de vida e interagir com os seus médicos à distância).

Ações: Apoiar o fornecimento de soluções inovadoras digitais para a saúde e conceder financiamento.

Não obstante, subsistem algumas preocupações, como a proteção dos dados, segurança informática e questões éticas e legais relacionadas com os dados pessoais dos cidadãos em cada país, mas que dados os elevados benefícios, estas questões serão resolvidas e sustentadas para que tudo se possa realizar em segurança.

Relativamente à aplicação da telemedicina, às especialidades médicas e suas vantagens que possibilitam o diagnóstico e a cirurgia à distância através da Internet, Braz-Gomes e Patrício⁴, enumeram algumas especialidades de telemedicina (teleconsulta e telediagnóstico), as quais são aplicadas em áreas como robótica/cirurgia, radiologia, eletrocardiografia, anatomopatologia, oftalmologia, dermatologia, entre outras. Também a telesaúde, permitindo a monitorização dos sinais vitais do paciente onde quer que este se encontre e que podem ser transmitidos à sua equipa médica ou de enfermagem à distância, garante o seu permanente bem estar e controlo desde que este tenha junto de si as ferramentas tecnológicas adequadas e as saiba manusear.

A utilização das tecnologias móveis e da Internet na educação médica à distância, como facilitadoras da transferência de conhecimento, é também apontada como uma mais valia.

Porém, o mais importante na perspetiva de Braz-Gomes e Patrício⁴ é o intercâmbio de informação à distância gerado entre médico e paciente: “Pensamos que o grande futuro da Telemedicina está no Telediagnóstico, que é um serviço no qual um médico remoto recebe informação do doente (imagens médicas, resultados de análises de patologia clínica, electrocardiograma ou sinais biológicos) e faz a análise, elabora o relatório de diagnóstico e remete-o à origem”. A celeridade e a facilidade com que se pode estabelecer o contacto entre médico e paciente através das tecnologias, dispensando deslocações e custos, podem garantir melhores cuidados de saúde para as populações, uma taxa menos elevada de desistências nas consultas presenciais por dificuldades de deslocações e uma maior eficácia na gestão dos serviços assistenciais. Vantajosos são também

estes serviços de telemedicina para os países de baixos rendimentos, pois permitem aos seus pacientes obterem consultas ou mesmo realizarem cirurgias sem viajar e a baixo custo, salvando vidas. Isto caso exista tecnologia e recursos humanos com conhecimentos especializados.

Subsistem, por isso, alguns obstáculos como a falta de formação dos profissionais de saúde ou o facto de nem todas as especialidades serem suscetíveis de seguimento à distância e, sobretudo, a maior dificuldade é a inexistência de tecnologias ou a falta de literacia digital por parte do paciente para se conectar com o médico e é nesta dificuldade que os bibliotecários poderão ter uma oportunidade de intervir e apoiar.

Objetivo

É nosso objetivo apresentar algumas oportunidades de intervenção para os bibliotecários da saúde no domínio da *eHealth*, desenvolvimento de competências e participação em equipas multidisciplinares. Neste contexto, gostaríamos de propor a base de um novo modelo colaborativo de proximidade ao paciente cidadão, aproveitando as infraestruturas locais normalmente existentes nas localidades e que são as bibliotecas escolares, municipais ou nos locais mais remotos, as bibliotecas móveis, capacitando os bibliotecários residentes para o apoio local e para atuarem como parte integrante das equipas. Deste modo, poderão cumprir-se três metas no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2030⁵: saúde e qualidade (ODS3); reduzir as desigualdades (ODS10) e parcerias para a implementação dos objetivos/equidade (ODS17).

Discussão

Dussault e Lapão² evidenciam os benefícios do uso dos serviços *eHealth/mHealth* para a promoção de uma maior eficiência no apoio à tomada de decisão e prescrição clínicas por facilitar a comunicação entre prestadores de cuidados de saúde; no aumento da eficiência no tratamento à distância de doenças crónicas, sem que o paciente tenha que sair de sua casa e, conseqüentemente, na promoção do seu maior bem estar e qualidade de vida; e na promoção de serviços individualizados, centrados no paciente e a mais baixo custo para o sistema de saúde.

Maia et al.⁶ referem que “telemedicine services are an opportunity to connect Portuguese-speaking countries (CPLP) and promote better healthcare services”. Os autores referem-se a estes serviços como uma garantia de sustentabilidade e qualidade na melhoria da prestação dos cuidados de saúde, contornando barreiras económicas, de distância e outras que, de outra forma, tornaria impossível a assistência médica ao paciente: “Telemedicine is often described as a sustainable service, demonstrating its important role in healthcare systems. Telemedicine services can also help address several healthcare barriers, increasing access to care, supporting emergency (e.g. cardiology for children and newborns, and fetal), and avoiding unnecessary evacuations, resulting in important cost-savings”.

Porém, Dussault e Lapão² sublinham que, entre outros requisitos, a implementação de serviços de *eHealth/mHealth* depende da existência de profissionais de saúde e equipas multidisciplinares de suporte que estejam capacitados com novas competências digitais. Monteiro⁷, ao apresentar uma definição de *eHealth* como “a globalidade das transações eletrónicas no sector da saúde”, caracterizando os serviços eletrónicos a que o paciente pode aceder, vem demonstrar a diversidade de novas competências de literacia informática e de comunicação à distância com o paciente que os profissionais de saúde e as suas equipas deverão adquirir para conseguirem oferecer estes novos serviços inovadores.

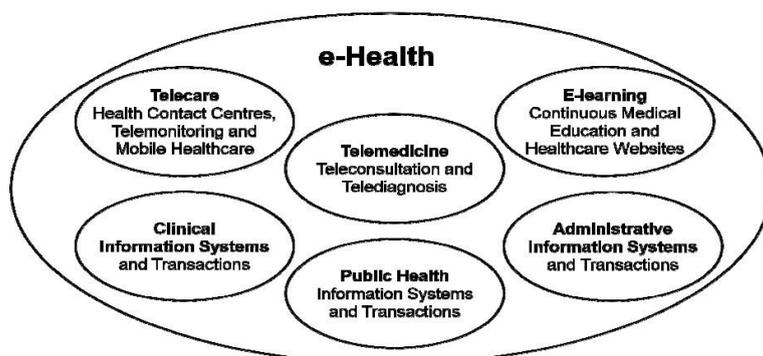


Figura 1. Serviços eHealth^{7:102}.

Por outro lado, a aquisição de competências informáticas por si só não é suficiente, uma vez que atualmente vivemos num mundo em que já não basta possuir a mera alfabetização tradicional (leitura e escrita), assim como deter a literacia de informação baseada na pesquisa bibliográfica e multimédia, mas evidencia-se cada vez mais uma necessidade de aquisição de competências mais específicas no domínio da informática (TIC) que os profissionais de saúde envolvidos em projetos de eHealth terão que aprender a dominar, assim como a aprendizagem de novas ferramentas de literacia de saúde e de obtenção de informação por meio eletrónico, para que possam oferecer aos seus pacientes serviços de qualidade e melhorar o rendimento das suas equipas e orçamentos. Entramos, assim, no domínio de um novo conceito de eHealth Literacy ou de Literacia da Saúde Eletrónica que, segundo Maschio e Cruvinel⁸, implica, para além da utilização das tecnologias, também “pensar criticamente sobre os assuntos científicos e navegar por uma vasta gama de ferramentas e fontes de informação necessárias para a tomada de decisão”.

Deste modo, poderá ser vantajoso medir o nível de alfabetização em saúde das populações em diversos contextos para poder avaliá-las e, conhecendo melhor os seus *informatic health skills*, mais facilmente apoiá-las. O eHEALS (eHealth Literacy Scale)⁸ é uma ferramenta de autoconhecimento que permite indagar em oito questões simples algumas competências de literacia de saúde eletrónicas básicas dos cidadãos inquiridos (Figura 2) e torna-se eficaz em estudos prévios à implementação de projetos eHealth para que se conheçam melhor os públicos para os quais os projetos são concebidos.

Gostaria de perguntar sua opinião e experiência em utilizar a internet para buscar informações em saúde. Para cada afirmação, diga-me qual a resposta melhor reflete sua opinião e experiência nesse momento.

Item

- Q1. Eu sei como encontrar informações/recursos confiáveis sobre saúde na internet.
- Q2. Eu sei como utilizar a internet para responder minhas questões sobre saúde.
- Q3. Eu sei quais recursos sobre saúde estão disponíveis na internet.
- Q4. Eu sei onde encontrar recursos confiáveis sobre saúde na internet.
- Q5. Eu sei como utilizar a informação em saúde que eu achei na internet para me ajudar.
- Q6. Eu tenho as habilidades necessárias para avaliar os recursos em saúde que encontro na internet.
- Q7. Eu posso diferenciar recursos de baixa e alta qualidade em saúde na internet.
- Q8. Eu sinto segurança em utilizar as informações da internet para minha tomada de decisão em saúde.

- 1) () Discordo completamente
- 2) () Discordo
- 3) () Indeciso
- 4) () Concordo
- 5) () Concordo completamente

Figura 2. Versão traduzida e adaptada do Instrumento eHEALS⁸.

Gerir esta ferramenta e funcionar como ponto focal para o apoio ao cidadão durante o processo poderá constituir uma oportunidade de intervenção para os bibliotecários de saúde envolvidos nas equipas multidisciplinares, trabalhando em estreita colaboração com os profissionais de saúde dos projetos *eHealth*.

A avaliação dos níveis de literacia digital das populações constitui um requisito prévio a uma implementação de um serviço de telemedicina/telesaúde bem sucedido, pois poder-se-á avaliar a priori a capacidade que determinado grupo populacional possui para corresponder à utilização dos serviços e poder interagir positivamente ou não com as tecnologias.

O apoio à decisão clínica e às equipas multidisciplinares de projeto constituem outra área de atuação para os bibliotecários de saúde que, aliada às suas competências no domínio da literacia informática e de informação, tornam o trabalho destes profissionais uma mais valia para as equipas que trabalham com áreas *ehealth*, sendo de grande utilidade a sua integração no grupo.

O HAITool é uma ferramenta concebida no Instituto de Higiene e Medicina Tropical, que consiste num sistema de vigilância epidemiológica em tempo real de apoio à decisão clínica, que integra visualizações de dados do paciente, monitoriza o uso de antibióticos e as taxas de bactérias resistentes aos antibióticos, permitindo a identificação precoce dos surtos e, baseado em evidências, garante melhores decisões aos profissionais de saúde na prescrição antibiótica e no combate aos riscos da resistência microbiana⁹. Assim, o HAITool agrega num único sistema os dados do paciente, os resultados da microbiologia e os dados de consumos de medicamentos. Simões *et al.*, ao apresentarem o desenho do modelo deste sistema, referem a importância do mesmo ser sustentado pelo trabalho de uma equipa multidisciplinar, constituída por gestores hospitalares, microbiologistas, enfermeiros, médicos, infeciologistas, profissionais da área da farmacologia, mas também profissionais de informação⁹.

Ao apresentar a equipa multidisciplinar de um programa HAITool, Simões *et al.*¹⁰ referem que são

atribuições do grupo de tecnologias de informação “a integração dos protocolos e aplicações de apoio à decisão clínica nos atuais sistemas de informação” e, dentro destas atribuições, os bibliotecários da saúde podem também ser integrados.

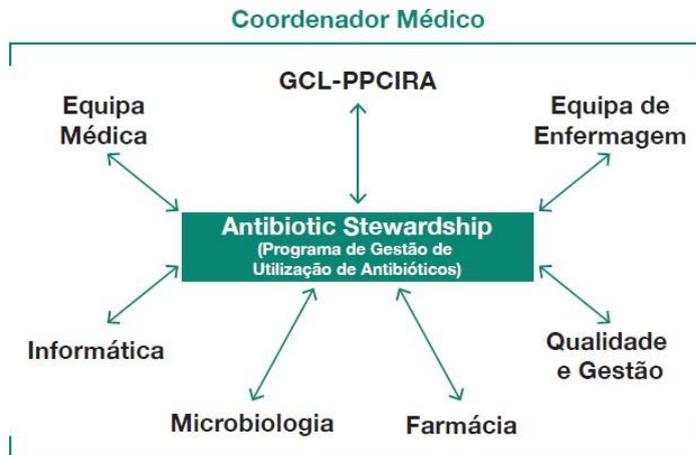


Figura 3. Equipa multidisciplinar de um Programa HAITool a implementar num hospital¹⁰.

Simões *et al.* mencionam ainda que “é da responsabilidade do Programa de Gestão de Utilização de Antibióticos formar os profissionais da saúde sobre a resistência aos antibióticos e como otimizar a prescrição através de apresentações, ciclos de conferências, posters, folhetos e boletins informativos com atualizações regulares sobre prescrição de antibióticos, níveis de resistência e procedimentos específicos para doenças infecciosas. É fundamental que o conteúdo da formação seja adaptado a cada profissão e nível de conhecimento e que exista um processo de avaliação de modo a verificar a eficiência do mesmo. Recomenda-se também a existência de conteúdos informativos e didáticos para os doentes e para o público em geral”¹⁰. Ao nível da comunicação é ainda recomendado que sejam divulgados os relatórios periódicos com informações sobre o uso e consumo de antibióticos.

Identifica-se, assim, uma oportunidade de intervenção para os bibliotecários de saúde, com participação nas áreas de pesquisa e apoio à decisão, de gestão, qualidade e literacia informática, na divulgação e comunicação dos relatórios de avaliação e ainda no apoio ao nível da formação dos profissionais de saúde e demais pacientes em geral, através da elaboração de folhetos, conteúdos educativos e didáticos, boletins e material de comunicação.

O surto pandémico COVID-19, que no primeiro trimestre de 2020 conduziu ao isolamento social e ao teletrabalho, alterou rotinas e hábitos sociais e constituiu um desafio ao qual os bibliotecários da saúde souberam corresponder de imediato e logo se adaptaram, colocando a render todos os seus dons e todas as competências adquiridas no âmbito das literacias digitais. Mesmo as bibliotecas menos apetrechadas em termos de recursos eletrónicos e com maiores dificuldades orçamentais souberam corresponder, transformando o pouco em muito, para oferecer aos seus utilizadores (profissionais de saúde, investigadores e cidadãos em geral) o melhor de si próprias, inovando, recorrendo às fontes em *Open Access*, apoiando as equipas de investigação que buscam uma cura e uma vacina nas revisões rápidas e sistemáticas de literatura, criando páginas temáticas atualizadas sobre COVID-19, fazendo pesquisa seletiva de informação e combatendo a desinformação na comunidade académica e junto do cidadão.

A *eHealth* constitui, assim, para os bibliotecários da saúde uma área em constante emergência de atuação¹¹, onde possuem competências para integrar equipas multidisciplinares e poderão dar contributo a vários níveis:

-  No apoio à decisão através da recolha de informação e pesquisa de evidência científica que suporte os projetos em curso;
-  Na elaboração de materiais de comunicação para os pacientes e cidadãos (folhetos, blogues, redes sociais);
-  No apoio às infraestruturas digitais e informáticas de suporte ao projeto;
-  Em projetos de literacia da saúde, quer direcionados para os alunos e médicos quer direcionados para os pacientes;
-  Na dinamização de eventos em torno dos projetos e contacto com os públicos (competências de literacia e comunicação);
-  Na gestão em proximidade das comunidades locais através de interlocutores locais – as bibliotecas escolares ou municipais.

O bibliotecário como interface das teleconsultas médico-paciente: a base de uma proposta

O vírus SARS-CoV-2 trouxe como prioridade o contacto à distância e a telemedicina ganhou um protagonismo que já se vinha evidenciando anteriormente e que assumiu com a pandemia um maior sentido, pois o doente que tem necessidade de continuar a frequentar os hospitais para prosseguir com as consultas de rotina receia a contaminação e procura o distanciamento, agravando a doença. O contacto à distância, passível de ser feito em modo teleconsulta, é uma abordagem possível em muitos serviços de saúde e uma forma de continuar a manter as rotinas, de modo a proteger a saúde dos pacientes e permitindo a vigilância das suas patologias. No entanto, persistem para o paciente alguns obstáculos a ultrapassar: Como fazer uma teleconsulta? Como submeter os exames? E se não tiver em casa o equipamento informático necessário, quem pode ajudar?

A World Health Organisation¹², no seu documento RECOMMENDATIONS ON DIGITAL INTERVENTIONS FOR HEALTH SYSTEM STRENGTHENING, assinala o potencial da telemedicina, mas também alguns dos seus obstáculos a acautelar: “Digital health has the potential to help address problems such as distance and access, but still shares many of the underlying challenges faced by health system interventions in general, including poor governance, insufficient training, infrastructural limitations, and poor access to equipment and supplies”.

Neste contexto, em que os sistemas de telemedicina e telesaúde se impõem cada vez mais numa sociedade em transformação, a caminhar para uma maior zona de conforto em relação à adesão aos serviços digitais e às tecnologias móveis, propomos um novo domínio de intervenção para os bibliotecários, servindo como interface das teleconsultas entre médico e paciente.

A nossa proposta tem como intervenientes os médicos responsáveis pela teleconsulta, os pacientes para os quais a mesma é direcionada, o bibliotecário da saúde, que apoiará na capacitação com ferramentas e recursos digitais específicos de saúde, um seu congénere local na biblioteca municipal ou escolar, transferindo para este conhecimentos e competências de literacia em saúde para que possa intervir junto dos pacientes e possa apoiá-los nas suas dificuldades de acesso, quer informáticas quer de literacia. O bibliotecário de saúde pode funcionar, deste modo, como uma ponte entre o bibliotecário local e as populações mais remotas e distantes, devolvendo a esses cidadãos, através da transferência do conhecimento, uma maior proximidade, que tornará possível realizar a consulta à distância e superar os obstáculos ao sentir-se acompanhado nas dificuldades pelo bibliotecário local.

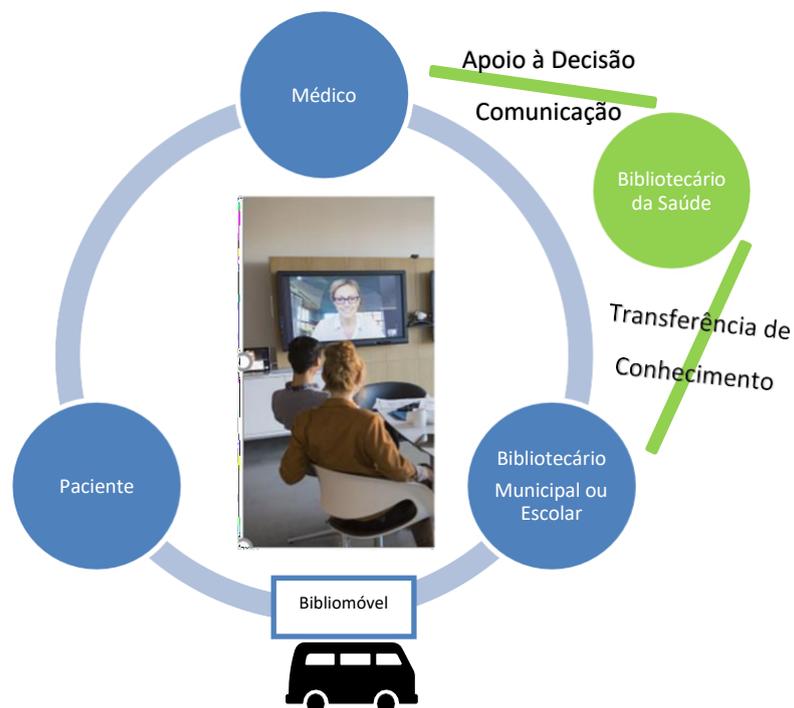


Figura 4. Proposta de modelo: o bibliotecário como interface das teleconsultas médico-paciente.

Por vezes, as lacunas de literacia não são as únicas, mas a maior dificuldade está na inexistência de equipamento informático no lar do paciente que lhe permita realizar as teleconsultas. O acesso ao equipamento informático, sobretudo por parte da camada populacional idosa, pode ser uma lacuna e, neste domínio, o apoio das bibliotecas municipais e escolares existentes nas vilas e povoações na proximidade do cidadão podem substituir a deslocação ao hospital distrital. Nas aldeias mais remotas, o serviço do bibliomóvel das bibliotecas municipais poderá transformar-se num interface móvel entre o paciente e a sua teleconsulta, ao proceder a toda a articulação informática necessária entre médico e paciente. No entanto, e por se tratar de dados pessoais e clínicos de pacientes, e porque alguns pacientes irão necessitar do apoio do bibliotecário sempre ao seu lado, ao longo de toda a teleconsulta, para apresentar por exemplo os exames de diagnóstico ao médico ou para garantir que as ligações não falham, este serviço, prestado pelo bibliotecário da biblioteca interface do serviço de teleconsulta, terá que possuir um documento modelo para assinar relativo à ética e confidencialidade, de modo a garantir a privacidade do paciente.

Conclusão

O surto pandémico COVID-19, ao invés de constituir um constrangimento para os bibliotecários da saúde, transformou-se numa oportunidade para desenvolver e sofisticar competências tecnológicas e de literacia no domínio *ehealth* e este constante trabalho, que exige níveis cada vez mais elevados de inovação, superação e constante atualização, para além de constituir um desafio permanente, também permitirá ao bibliotecário da saúde, participar num mundo mais global e sustentável, integrado em redes colaborativas com outros bibliotecários e em maior proximidade com o cidadão, num mundo mais equitativo, inclusivo e onde o digital marcará um espaço de aproximação perante o isolamento social físico que os indivíduos experienciam atualmente.

No mundo *eHealth*, os bibliotecários poderão vivenciar diversas oportunidades de desenvolver ainda mais as suas competências e aventurar-se por novos caminhos, onde a inovação e o desafio constante será cumprir a cada dia mais e melhor a sua missão de servir as necessidades dos seus utilizadores, onde quer que eles estejam, participando em projetos multidisciplinares e interoperando com as ferramentas tecnológicas que estão já habituados a utilizar.

O apoio à decisão dos profissionais de saúde, por um lado, a interação com o paciente, por outro, e o seu apoio através do interface nas consultas de telemedicina, tendo a agilidade de conseguir criar redes nacionais de apoio (onde quer que haja uma biblioteca que possa ir ao encontro do paciente) e a participação no domínio da comunicação ao paciente em áreas temáticas de informação chave (como, por exemplo, em casos de situações de crise pandémica, em que circula muita desinformação e é necessário que cheguem ao paciente as orientações corretas) são alguns dos pilares em que assenta a atuação dos bibliotecários no mundo *eHealth*, fazendo sentir cada vez mais que «Não há longe nem distância» quando, através do trabalho de equipa e com a participação integrada de todos, bem com as valências de cada profissional (médicos, bibliotecários, farmacêuticos, etc.), se consegue chegar às pessoas que necessitam de cuidados assistenciais onde quer que estejam e, com eficácia, salvar vidas.

Agradecimentos

Gostaria de expressar o meu agradecimento ao Professor Doutor Luís Velez Lapão, do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, pelos documentos cedidos relativos ao projeto HAITool e pelo incentivo e aconselhamento que prestou sobre as áreas da sua especialidade no domínio do *eHealth*.

Referências bibliográficas

1. World Health Organization. Global diffusion of eHealth: making universal health coverage achievable [Internet]. Geneva: WHO Global Observatory for eHealth; 2016. Available from: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/252529/9789241511780-eng.pdf?sequence=1>
2. Lapão L, Dussault G. The contribution of ehealth and mhealth to improving the performance of the health workforce: a review. *Public Health Panorama*. 2017;3(3):463-71.
3. European Commission. COM (2018) 233 final – Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions on enabling the digital transformation of health and care in the Digital Single Market: empowering citizens and building a healthier society [Internet].

Brussels: European Commission; 2018. Available from:

https://ec.europa.eu/newsroom/dae/document.cfm?doc_id=51628

4. Brás-Gomes A, Patrício L. Um "novo olhar" para a medicina em Portugal: a telemedicina e a telesaúde. *Rev Lusófona Ciênc Tecnol Saúde*. 2008;5(2):106-15.
5. UNRIC. Guia sobre desenvolvimento sustentável: 17 objetivos para transformar o nosso mundo – Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável [Internet]. [s.l.]: Centro de Informação Regional das Nações Unidas para a Europa Ocidental; 2016. Available from: https://www.instituto-camoes.pt/images/ods_2edicao_web_pages.pdf
6. Maia MR, Castela E, Pires A, Lapão LV. How to develop a sustainable telemedicine service? A pediatric telecardiology service 20 years on: an exploratory study. *BMC Health Serv Res*. 2019;19:681.
7. Monteiro MH. A adoção da eHealth nos hospitais públicos em Portugal: 1996-2007 [dissertation]. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas; 2010.
8. Maschio KF, Cruvinel AF. The eHealth literacy scale (eHeals): instrumento de alfabetização em saúde. *Anais VIII Jornada de Iniciação Científica e Tecnológica*. 2018;1(8).
9. Simões AS, Maia MR, Gregório J, Couto I, Asfeldt AM, Simonsen GS, et al. Participatory implementation of an antibiotic stewardship programme supported by an innovative surveillance and clinical decision-support system. *J Hosp Infect*. 2018;100(3):257-64.
10. Simões AS, Gregório J, Póvoa P, Lapão LV. Practical guide for the implementation of antibiotic stewardship programs [Internet]. Lisboa: Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa; 2015. Available from: http://haitool.ihmt.unl.pt/papers/PolicyPaper_ASP_PT.pdf
11. Sarada R. The role of libraries in eHealth service delivery in Australia. *Aust Libr J*. 2009;58(1):63-72.
12. World Health Organization. WHO Guideline: recommendations on digital interventions for health system strengthening [Internet]. Geneva: WHO; 2019. Available from: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/311941/9789241550505-eng.pdf?ua=1>

Nota biográfica

Paula Sousa SARAIVA. Coordenadora Principal do Centro de Gestão de Informação e do Conhecimento do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa e membro do Centro de Investigação do Instituto de Higiene e Medicina Tropical *GHTM – Global Health & Tropical Medicine*. Doutorada em Ciências da Informação e da Documentação e Mestre em Arquivos, Bibliotecas e Ciências da Informação, pela Universidade de Évora é também licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem assumido funções dirigentes em diversos organismos da Administração Pública em comissão de serviço desde 2008. Palestrante e membro de vários comités científicos em eventos científicos nacionais e internacionais, do qual destaca co-chair da 12ª Conferência da EAHIL (*European Association for Health Information and Libraries*), realizada em Lisboa em 2010, foi também designada *submission advisor* da EAHIL para o Workshop 2019 de Basileia. É membro da BAD desde 1995, da EAHIL desde 2000, foi de 2000 a 2013 membro da APDIS, tendo sido vogal do Conselho Fiscal nos anos de 2003 a 2009. Integra atualmente o Grupo de Trabalho das Bibliotecas de Ensino Superior da BAD e o Grupo de Trabalho dos Museus de Ciência e da Saúde e é representante do IHMT na Comissão Temática dos Museus e Cultura da CPLP.